A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DO RESPEITO AOS GENEROS

FAMILY INFLUENCE IN CONSTRUCTION OF RESPECT TO GENES

AUTOR: JÉSSICA LUANA MARAFIGO ZANDER

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é fazer uma breve reflexão sobre o papel familiar na construção de um cidadão capaz de respeitar as escolhas do outro. A importância deste tema revela-se na realidade social em que vivemos, onde as escolhas do próximo não são respeitadas, onde padrões de vida são impostos, passados de geração em geração, e quem não os segue sofre de todas as maneiras possíveis. Aprender a olhar para o outro como olhamos para nós contribui para o desenvolvimento efetivo da cidadania.

Palavras-chave: família, respeito, direito

Entender a escolha do outro nem sempre é uma tarefa fácil, muitas vezes nos deparamos com situações que nos causam um turbilhão de emoções e lidar com este conflito interno acaba sendo uma das batalhas mais difíceis da vivência humana.

Respeitar a decisão do outro deveria ser algo natural...deveria, mas não é, vivemos em um tempo difícil, somos ignorantes, não sabemos lidar com a decisão que outro tem sobre sua vida, seu corpo, seus sentimentos. Criamos um ideal de caráter, de família, de relacionamentos e na maioria das vezes não entendemos quando o outro não segue o "roteiro de vida" que fomos ensinados a seguir.

Começamos a construir nosso caráter muito antes de entendermos nossos direitos e o do outro. Quando somos crianças sofremos influência de pessoas próximas a nós, especialmente daqueles que chamamos de família. Estas pessoas são responsáveis por nos mostrar o norte para o certo e o errado.

Na infância aprendemos a seguir os passos de alguém, somos incentivados a ter alguém como um símbolo de perfeição, de pessoa boa, honesta, digna, trabalhadora, enfim, alguém que para nós se torna um ícone, uma referência. Ocorre que, estas pessoas, que são nossas referências, foram criadas em tempos diferentes, tem estruturas familiares diferentes, estas pessoas na grande parte das vezes nos ensinam o "roteiro de vida" que devemos seguir, nos dizem que devemos estudar, trabalhar, casar (com alguém do sexo oposto, é obvio), ter filhos, nunca se separar, entre tantas outras coisas que se tornam símbolos de uma vivência considerada como ideal.

Não se pode culpar a família por querer sempre o melhor para nós (o que consideram melhor para nós), mas então, quem será o culpado por esta geração de ignorantes? Ou melhor, pelas diversas gerações de ignorantes? Não existe somente uma resposta, o que existe são sucessões de erros, de falta de diálogo, de direitos reprimidos ao longo dos anos... e principalmente, uma cultura ignorante que passa de geração em geração, como uma lavagem cerebral, que foi feita em nossos antepassados e que estes fazem questão de fazer em suas novas gerações.

A família, então, tem em suas mãos um poder transformador, somos nós, os responsáveis, por ensinar nossos sucessores a terem respeito pelo direito do outro, ensinar a lidar com as emoções, com as escolhas do outro. A criação de uma nova cultura, onde o respeito, a conversa, o afeto prevalecem, independente das nossas escolhas ou das escolhas que o outro tomar é uma tarefa árdua e certamente construída a longo prazo.

Essa mudança de cultura, essa nova construção, ou desconstrução de ideais é algo que precisa ser trabalhado urgentemente, pois, não é da noite para o dia que tabus são quebrados. É preciso que passamos a construir novos ideais de vivência, não pautados em etapas de vida a serem seguidos, das quais já estamos a acostumados a presenciar, mas sim pautados na observância efetiva do direito do outro.

A tarefa de entender, de respeitar a decisão do outro, nos dias de hoje, se torna dolorosa, para ambas as partes. Dói, sim, dói... dói quando o outro diz não e esperávamos um sim... dói quando a mãe espera um neto do filho gay, dói quando o pai quer que a filha case, mas isso não é a escolha dela... doí em nós ver que o outro não fez aquilo que desejamos, dói porque não fomos ensinados a amar a felicidade do outro, fomos ensinados a amar "ícones", "referências".

Dói em nós e dói no outro.

Quando alguém decide se libertar destas "amarras sociais" e sim, fazer aquilo que lhe é de direito, é dolorido... é dolorido porque são pessoas julgadas cruelmente pela sociedade em que vivem, são discriminadas pela família, são discriminadas nas mais diversas situações, são violentadas, são insultadas, são humilhadas, e muitas ... mas muitas vezes, são coagidas pelo meio em que vivem a esconderem aquilo que de direito lhe é garantido, são coagidas a esconder suas verdadeiras identidades, coagidas pela sociedade , pela família, por são serem "os ideais".

Essa reflexão nos mostra quão importante é a família na construção de uma sociedade digna e justa, quão importante é a família na construção de um cidadão que saiba respeitar, que entenda que todos temos direitos, e que a vida do outro não depende de nossas escolhas e sim das escolhas dele, e que devemos aprender a controlar nossas emoções, nossos sentimentos, nossas palavras e atitudes, pois aquilo que é bom para um pode não ser bom para o outro, assim como temos o direito de não gostar de algo o outro tem o direito de gostar, e isso não é um problema...isso é vida, é realidade... é vivência humana.